

## 4

### Conclusão

*Balada da Praia dos Cães*, tal como *O Delfim*, tem muitos elementos de romance policial. Parte de um crime, ou seja, há um crime e um investigador que procura desvendá-lo. Há duas histórias. A primeira começa após o crime e é composta pelas investigações. A segunda é composta pelo espaço no qual as personagens não agem, mas apreendem e investigam uma ação que já ocorreu. Essas são as características do romance de enigma clássico.

No romance policial *noir*, essas categorias já se modificam: pode não haver um mistério ou crime, pode não haver detetive e a narrativa pode coincidir com a ação. José Cardoso Pires mistura um pouco dos dois gêneros, mesmo na composição do detetive Elias da *Balada da Praia dos Cães* e do escritor furão de *O Delfim*. Na *Balada da Praia dos Cães*, Elias, como vimos anteriormente, é um misto de máquina de pensar dos romances policiais clássicos- se bem que numa versão mal-acabada, apenas na medida em que é criterioso e seguidor de táticas e normas- com o detetive *noir*- bronco, vulgar, ácido e deselegante (Elias irmana-se mais a esse segundo tipo). O escritor furão de *O Delfim* tem elementos de Dupin- não pertence à polícia-, de Holmes e Poirot – inteligência, elegância- e de Spade- mulherengo e apreciador de bebidas. Mas os crimes e investigadores em José Cardoso Pires ganham um outro matiz...

Ocorre que José Cardoso Pires parece brincar com um determinado gênero romanescos, fazer uma simulação desse gênero ou fazer uso de características desse gênero, misturando-as e também torcendo e distorcendo tais características para criar outra coisa que, uma vez desfigurada ou representada por uma nova forma, suscita novos pontos de vista ou lança uma luz diversa que torna visíveis fatos que até então estavam borrados. O gênero a que me refiro é o policial.

Eis que o leitor, ao fazer sua leitura por hobby, ou com fins acadêmicos, pasmado, percebe que passou um tempo mais ou menos longo a seguir a pista de fantasmas. A morte do major, na *Balada*, ou a quem ela interessava não são coisas importantes em si. Em *O Delfim*, a morte de Domingos e de Maria das Mercês, e

o desaparecimento do Engenheiro são ocorrências que não têm a gravidade que parecem ter, mas assumem outra gravidade no decorrer da narrativa. Talvez, uma gravidade que aponte para outros fatos pertencentes à narrativa que ficaram camuflados, que passaram despercebidos pelo leitor. Os crimes que o leitor investigou ao longo de sua leitura de *Balada da Praia dos Cães* eram acessórios, irrelevantes em si como crimes isolados, mas chaves para outra finalidade: levar o leitor à constatação da existência de outros crimes, crimes enterrados por baixo desses corpos fictícios que o autor lança à terra, crimes que foram e que continuam sendo cometidos todos os dias.

Que crimes são esses? Tanto na *Balada da Praia dos Cães* quanto em *O Delfim*, os crimes da ditadura, os desmandos cometidos pelos sujeitos investidos de poder; o terror, os preconceitos, as superstições e frases feitas cegantes, que não raro são usadas como ferramentas para torcer, anuviar e travar a liberdade. José Cardoso Pires inclui em seu elenco mulheres- Mena e Maria das Mercês- que encarnam o papel de figuras femininas fortes, belas, fascinantes intelectual e fisicamente, que enfeitiçam o leitor por um lado, mas que por outro mostram os crimes do poder patriarcal, do machismo, da discriminação, da castração política e religiosa. Essas personagens femininas são figuras de resistência, assim como o próprio autor. As narrativas de José Cardoso Pires são, além de arte, resistência e combate às narrativas do Estado; ao discurso oficial. Eis o grande poder do autor. É através da literatura que José Cardoso Pires põe em prática aquilo que Ricardo Piglia chama de responsabilidade civil do intelectual. É através da escrita que ele se pronuncia <sup>56</sup> e, dessa forma, age sobre a sociedade, cumprindo o seu papel de intelectual.

E que papel cabe ao leitor? O leitor, uma vez enredado, é chamado a cumprir vários papéis. Um deles é o de investigador: “O escritor é o criminoso, nós os detetives.” (MARGATO, 2008). O leitor se vê como detetive, perdido, cambaleante ao dar os primeiros passos nas ruas abraçadas por um fog de mistérios, nos labirintos de Lisboa. Vê-se saltitante, correndo pela floresta de páginas, traçando túneis na terra da narrativa, como um furão. Encontra-se num

---

<sup>56</sup> Segundo Izabel Margato, “A ação política do escritor-intelectual possui uma ótica menos evidente, mais sutil ,talvez. Mais sutil porque nunca fala do imediato, trata-se, na maioria das vezes, de uma intervenção indireta, como a presença de um sinal intermitente, um gesto que se move sem grandes rumores, e que aos poucos se transforma em cifra de um sentido por descobrir.

barco, empunhando um caniço com todas as suas forças, para trazer à tona o gigantesco congro de Sesimbra. Abaixo do espelho d'água, vê-se perseguido e acuado, terrificado como o pobre congro, tentando se esconder do lavagante. De volta à tona, outra vez no barco, tenta enxergar o iceberg de Hemingway que flutua na lagoa dos Palma Bravo, apertando os olhos para vislumbrar a pequena parte visível do enorme monstro de gelo, encoberto pelos fumos. Quem sabe, talvez, o leitor se encontre sentado numa mesa de pôquer, blefando e tentando imaginar as cartadas de seu adversário, o escritor.

É possível que, ao terminar a narrativa, José Cardoso Pires tenha dado gargalhadas num tom vilanesco, e que tenha dito pensando alto, para seu futuro leitor: “*Gotcha* (peguei você!)” A isto, o futuro leitor poderia responder: “Pegou, mas atenção, *achtung*: obrigado pela captura”.

Não é à toa que um livro é capaz de irradiar poder: um livro é constituído por palavras e nosso universo (tudo o que conhecemos) teria começado com uma oração, composta por duas palavras, *Fiat Lux*. Milhares de anos depois da oração seminal, simples (a julgar verdadeira a cosmogonia, seria, talvez, o único caso em que uma frase tão concisa tenha produzido tanto) e bela, Napoleão Bonaparte teria dito o seguinte a respeito do poder dos livros: “O advento do canhão matou o sistema feudal; a tinta irá matar a moderna organização social”. Sobre o mesmo assunto, comentou Voltaire: “Os livros governam o mundo”.<sup>57</sup>

Falamos a respeito do poder das personagens de *Balada da Praia dos Cães* e do poder do autor, José Cardoso Pires, partes ou componentes de um todo que é o livro. Mas qual o poder de um livro?

Algumas das personagens de *Balada da Praia dos Cães* são baseadas em pessoas reais. Mas como o próprio autor as descreveu em nota final do romance, são figuras dissertadas do real, artifício de José Cardoso Pires que pode se assemelhar com a técnica de Max Weber, a de construção de modelos para estudo, técnica que o sociólogo cunhou de “Tipificação Ideal”- sendo que os modelos são “Tipos Ideais”.

Sejam elas reais, fictícias ou híbridas entre esses dois graus-com José Cardoso Pires nunca se sabe-, essas personagens têm a capacidade de ser

---

“ (Op. Cit., p.2) É um procedimento de escrita que vai se transformando paulatinamente em ação política.”

interessantes e esclarecedores exemplos sobre como os indivíduos são, ao mesmo tempo, algozes e vítimas dessa coisa invisível e impalpável, mas de efeitos assustadoramente concretos, que é o poder. Tal capacidade de servir de exemplo, de ser útil, de servir como um instrumento de reflexão capaz de gerar ação é o grande poder do romance *Balada da Praia dos Cães*.